



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS V  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**FERNANDA CAROLINE ALVES BEZERRA DE MELO**

**A GUERRA ESQUECIDA: UMA ANÁLISE CATEGÓRICA DO CONFLITO NO  
IÊMEN**

**JOÃO PESSOA  
2022**

FERNANDA CAROLINE ALVES BEZERRA DE MELO

**A GUERRA ESQUECIDA: UMA ANÁLISE CATEGÓRICA DO CONFLITO NO  
IÊMEN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais.

**Área de concentração:** Segurança e Relações Internacionais.

**Orientador:** Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre

**JOÃO PESSOA  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528g Melo, Fernanda Caroline Alves Bezerra de.  
A guerra esquecida [manuscrito] : uma análise categórica do conflito no Iêmen / Fernanda Caroline Alves Bezerra de Melo. - 2022.  
40 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2022.  
"Orientação : Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."  
1. Segurança internacional. 2. Guerra por procuração. 3. Iêmen. I. Título  
21. ed. CDD 327.17

FERNANDA CAROLINE ALVES BEZERRA DE MELO

A GUERRA ESQUECIDA: UMA ANÁLISE CATEGÓRICA DO CONFLITO NO IÊMEN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Relações Internacionais.

Área de concentração: Segurança e Relações Internacionais.

Aprovada em: 29/11/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



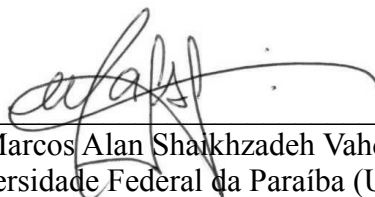
---

Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

“Quando os homens se calam, é nosso dever  
levantar nossas vozes em nome de nossos  
ideais.”

(Clara Zetkin)

## AGRADECIMENTOS

Neste momento, gostaria de voltar meus agradecimentos às principais pessoas que me auxiliaram em todo processo de construção do meu trabalho de conclusão de curso. Ousar citar o nome de todos aqueles que acreditaram no meu potencial é uma tarefa injusta, mas irei arriscar-me em prol da gratidão por toda a fé, empatia e esforço destinado a este exato momento. Sou a primeira da minha família a se formar em uma universidade pública graças a um grandioso esforço coletivo que perdurou ao longo de vinte e dois anos até aqui. Assim, esta pesquisa não é uma iniciativa exclusivamente *minha*, mas um empenho de quem construiu este caminho ao meu lado.

Em primeiro lugar, a confecção desta monografia não seria possível sem a compreensão, suporte e convicção do meu professor e orientador Fábio Nobre, sua assistência em todas as etapas se tornou primordial em muitos momentos. Sou eternamente grata pelo apoio, auxílio e amizade ao longo dos anos em que me dediquei a desbravar o Oriente Médio. Jamais irei esquecer da inspiração acadêmica que você foi para mim ao longo desses anos e como sua contribuição me ajudou a percorrer um outro caminho. Deixo registrado também os agradecimentos aos meus queridos professores da Universidade Estadual da Paraíba, grandes inspirações acadêmicas, destacando André Pini, Caio Csermak e Raquel Melo. Vocês são meus maiores exemplos de profissionais na área da educação e das Relações Internacionais, espero um dia me tornar a referência que foram para mim.

À minha banca de defesa composta por Paulo e Marcos, essa dissertação só é possível graças às suas contribuições, reflexões e questionamentos na qualificação deste trabalho.

Aos membros do Centro de Estudos em Política, Relações Internacionais e Religião (CEPRIR), agradeço o espaço de cooperação, generosidade e excelência para realizar debates que foram essenciais na minha trajetória.

À minha família, sobretudo à minha mãe, Suselaine, por ser a responsável pelos valores de honestidade, empatia e solidariedade que carrego inegociavelmente comigo, sem seu esforço e perseverança, eu não estaria aqui. Ao meu pai, José Carlos, e meu irmão, Diego, quem me agraciou com recursos ao longo da minha graduação, pelo apoio incondicional, incentivo aos meus estudos, amor e compreensão fundamentais à conclusão deste trabalho. À minha avó, Josefa, minha maior inspiração e quem carrego junto ao peito por toda eternidade, com você aprendi os conceitos de bondade, justiça e afeto, obrigada por me fazer acreditar que posso mudar o mundo! E às minhas tias, Lúcia, Leilane e Caminha, quero homenagear

todos vocês por garantirem minha permanência nos estudos e na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), possibilitando que eu contribuísse para a pesquisa pública brasileira.

Ao meu namorado, Matheus, que também é meu melhor amigo e confidente, por sempre segurar minha mão nos momentos mais difíceis e que pensei em desistir. Você chegou em minha vida e me proporcionou uma relação de gentileza, companheirismo e aventura, me proporcionando o que fosse necessário para não desistir nos momentos mais difíceis, me sinto a mulher mais sortuda do mundo com você. Sua presença, mesmo com a distância, foi fundamental para me fazer acreditar que eu posso ir além.

A meu partido, Unidade Popular, que me fez indestrutível porque contigo não termino em mim mesma. Obrigada por me ensinar que um mundo de paz, justiça social e livre dos assombros do sofrimento humano é possível. Ao lado dos meus camaradas, aprendi que, através da política, uma vida digna não é apenas um direito, mas nosso dever. Não tenho palavras para mensurar os ensinamentos de humanidade, cidadania e justiça que vivenciei ao longo de dois anos que estive com vocês. Aqui, eu não poderia deixar de citar também os meus amigos e companheiros que, assim como eu, sonham com um mundo de igualdade e justiça, fico honrada em ter vocês ao meu lado, Beatriz Diniz, Sofia Agrelli, Maria Eduarda Lima, Maria Eduarda Diniz, Maria Eduarda Angeiras, Isabele Enes, Helena Sá, Mariana Beselga e Ellen Monielle.

“I have always told you: you must be brave to say you are scared, and scared enough to look brave.”

(Aisha al-Jaedy)



## RESUMO

A vigente pesquisa realiza uma análise categórica, isto é, uma categorização da delimitação conceitual da guerra presente no Iêmen. Para tal, serão examinados antecedentes conflituais na história do país, bem como uma revisão teórica acerca dos conceitos de Guerra por Procuração. Assim, o estudo irá considerar os agentes regionais e internacionais correlacionados na disputa geoestratégica de influência política e econômica no território iemenita. Subsequente, às variáveis – tais como a crise humanitária, os atores terroristas e a instabilidade governamental – serão consideradas sob condição consequencial das políticas implementadas, essencialmente, pela intervenção externa. A hipótese levantada é de que a Guerra no Iêmen se estabelece enquanto uma Guerra por Procuração. A partir disso, são destacados os principais elementos e motivações que cerceiam o conflito, observando os correspondentes categóricos às tipologias de guerra em uma perspectiva de compreender se esse caso se aplica a este determinado modelo de guerra. O primeiro elemento de análise da presente pesquisa são os antecedentes do conflito atual; o segundo critério parte da investigação das tipologias de Guerra por Procuração e o terceiro é o estudo de caso. Formulado com base em uma pesquisa bibliográfica-exploratória, este estudo utiliza as teorias críticas enquanto fundamentação teórica, em razão deste utilizar as variáveis domésticas e internacionais do conflito e as teorias pós-clausewitzianas como orientação da problemática de pesquisa.

**Palavras-Chave:** Guerra por Procuração. Iêmen. Segurança Internacional.

## **ABSTRACT**

The current research performs a categorical analysis, that is, a categorization of the conceptual delimitation of the war present in Yemen. To this end, conflicting backgrounds in the country's history will be examined, as well as a theoretical review of the concepts of War by Proxy. Thus, the study will consider regional and international agents correlated in the geostrategic dispute for political and economic influence in Yemeni territory. Subsequently, variables – such as the humanitarian crisis, terrorist actors and government instability – will be considered as a consequential condition of policies implemented, essentially, by external intervention. The hypothesis raised is that the War in Yemen is established as a War by Proxy. From this, the main elements and motivations that surround the conflict are highlighted, observing the categorical correspondents to the typologies of war in a perspective of understanding if this case applies to this particular model of war. The first element of analysis in this research is the antecedents of the current conflict; the second criterion starts from the investigation of the typologies of War by Proxy and the third is the case study. Formulated based on a bibliographic-exploratory research, this study uses critical theories as a theoretical foundation, as it uses domestic and international conflict variables and post-clausewitzian theories as a guide for the research problem.

**Keywords:** Proxy War. Yemen. International Security.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 –	O caráter das guerras modernas-contemporâneas (1820-2017).....	20
FIGURA 2 –	Mapa do Iêmen, Arábia Saudita e Irã .....	26
GRÁFICO 1 –	Ataques aéreos e baixas civis (2015-2022).....	28
GRÁFICO 2 –	Violência contra civis (2022).....	30
GRÁFICO 3 –	Índice de intervenção externa por ator (2022).....	31

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 –	Aspectos conceituais das Guerras por Procuração.....	22
------------	--	----

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>ANTECEDENTES DA GUERRA CIVIL</b> .....	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>ASPECTOS CONCEITUAIS DE GUERRAS POR PROCURAÇÃO</b> .....	<b>19</b>
3.1	A evolução da literatura acerca de Guerras por Procuração .....	19
<b>4</b>	<b>ANÁLISE CATEGÓRICA DO CONFLITO NO IÊMEN SOB A ÓTICA CONCEITUAL DA GUERRA POR PROCURAÇÃO</b> .....	<b>24</b>
4.1	Substituibilidade direta-indireta .....	24
4.2	Custo-benefício .....	24
4.3	Aversão a risco e a substituição interestatal/intra-estatal .....	26
4.4	Relações triádicas (patrocinador/procurador/alvo), assimetria relacional e tipologia de procuração (estatal x não-estatal) .....	27
4.5	Fornecimento de suporte/assistência, fornecimento externo de apoio/assistência direta, e influência do resultado .....	30
4.6	Disponibilidade de procuração .....	32
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>33</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos de Segurança Internacional são pontuados por Barry Buzan e Lene Hansen (2012) como uma iniciativa coletiva de resgate dos acontecimentos históricos e sua conexão com o hodierno, em um processo dialético de análise do presente sem o descarte do passado. Denota-se esse aspecto, principalmente, porque as relações internacionais são compostas pelo conhecimento antigo, moderno e contemporâneo (ARON, 2002).

O Iêmen está localizado na extremidade sudoeste da Península Arábica e, apesar de ser histórica e culturalmente rico, é o país materialmente mais pobre da região (GUIDERO; HALLWARD, 2019), ocupando a 183<sup>a</sup> posição mundial no Índice de Desenvolvimento Humano (UNDP, 2022). Politicamente, o país fora excluído, e até mesmo atacado pelo Conselho de Cooperação do Golfo<sup>1</sup> (CCG), em parte pela sua história de viés socialista no Iêmen do Sul no século XX e pelo apoio do ex-presidente iemenita, Ali Abdullah Saleh, à Saddam Hussein, contra a intervenção militar dos Estados Unidos no Iraque no início dos anos 1990 (AL-MUSLIMI, 2015).

Esse encadeamento comporta a importância logística e geoestratégica do Iêmen para a região do Oriente Médio, uma vez que se situa centralmente na rota comercial de navios petroleiros e, encontra, em seus vizinhos, os maiores produtores de petróleo do mundo (ELLWANGER, 2020. p. 8). Desde 2015, uma guerra civil assola o país e é negligenciada não apenas nas pautas de promoção de paz, mas também nas veiculações de notificação das violações de Direitos Humanos. Isso explica-se, em partes, por autores como Sam Bell, Richard Frank e Paul Macharia (2013), que aponta que o valor estratégico e/ou econômico de um Estado determina a quantidade de atenção que um conflito atrai. Para além desta importância, estudos sugerem que os interesses das grandes potências desempenham um papel na atenção e intervenção em guerras civis (BURGESS, 2018; PEARSON, 1974; KOGA, 2011; SHIRKEY, 2016), bem como na intervenção humanitária (BRUCH, 2016; FALK, 2014).

De modo direto, o conflito iemenita não apresenta ameaças para o restante dos atores internacionais, visto que a guerra em si já teria limitado, de forma expressiva, a capacidade desses grupos extremistas de se expandirem ou, até mesmo, viajarem para fora das fronteiras do país (BBC NEWS, 2020). Ainda assim, sabe-se que a Arábia Saudita vem bombardeando

---

<sup>1</sup> O Conselho de Cooperação do Golfo, ou CCG, é a organização de integração econômica que reúne seis estados do Golfo Pérsico: Omã, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Qatar, Bahrein e Kuwait. Cabe destacar que nem todos os países que rodeiam o Golfo Pérsico são membros do conselho, especificamente Irã e Iraque.

o Iêmen desde 2015 e que o conflito destruiu a já precária infraestrutura do país, agravando o cenário de fome, insegurança alimentar, pobreza e influenciando a eclosão de uma epidemia de cólera em 2017 (KIMBALL e JUMAAN, 2020). Como resultado, vê-se a população do Iêmen atualmente sob uma das piores crises humanitárias do mundo, financiada e propagada por forças de poder assimétricas do sistema internacional.

Neste trabalho, investiga-se o caráter da guerra vigente no Iêmen, a partir dos estudos de evolução de guerra, com a finalidade de expandir os horizontes dos estudos sobre Segurança e Conflitos Internacionais. Para tal, são apresentadas as formulações teóricas de Vladimir Rauta (2012), Cecily Brewer (2011), Andrew Mumford (2013), Kim Cragin (2015), Anthony Pfaff (2017), Assaf Moghadam e Michel Wyss (2020), Geraint Hughes (2012), Erica Dreyfus Borghard (2014), Brendan Sozer (2016), Indra de Soysa (2017) e Tyrone Groh (2019). Além disso, coletou-se dados de plataformas como *Yemen Data Project* e *Armed Conflict Location & Event Data Project* (ACLED) de modelos de violência, baixas civis e atores envolvidos, especialmente exógenos. Estes levantamentos permitiram avaliar a correlação entre o marco teórico de Guerra por Procuração e o período estudado (2011-presente).

Tendo em vista a transposição nacional do conflito no Iêmen para uma disputa interestatal, exploram-se os mecanismos militares e políticos, bem como suas consequências, dos resultados quantitativos por meio do estudo de caso, que se debruça na interpretação de eventos contemporâneos por meio das pesquisas teóricas. De acordo com Sprinz e Wolinsky (2002, p. 8) em *Cases, Numbers, Models: International Relations Research Methods*, a segurança internacional tem estado no centro do estudo tradicional das Relações Internacionais e ainda é um subcampo central. Além disso, é comum que uma quantidade relevante de problemas de pesquisa centrem-se na segurança internacional, perpassando pelo estudo dos conflitos, do Estado e do sistema internacional. Isto porque os estudos das Relações Internacionais empenham esforços para esclarecer uma ampla gama de interações políticas entre países, sociedades e organizações e, para isso, promover uma compreensão metodologicamente orientada da política internacional requer uma abordagem sistemática para identificar os processos fundamentais e as forças de mudança (SPRINZ; WOLINSKY, 2002).

O resultado, assim, é consistente com a revisão de literatura. Primeiramente, observam-se abordagens críticas das Relações Internacionais sugerindo que os relatórios mais limitados sobre o conflito no Iêmen decorrem do fato de que o problema não afetou diretamente o Ocidente (GUIDERO; HALLWARD, 2019), haja vista que a crise de

refugiados centrou-se nos deslocados internos e países da África Oriental, como Djibouti, Etiópia, Somália e Sudão, totalizando pelo menos 6 milhões de iemenitas em situação de refúgio desde o início do conflito. Estudos anteriores (SHIRKEY, 2016) indicaram que os Estados são mais propensos a intervir em conflitos após a ocorrência de eventos inesperados, quando seus interesses são altos e onde eles foram atacados ou onde a ameaça de ataque é alta (BURGESS, 2018). Outros achados (BRUCH, 2016) também mostraram maior cobertura de conflitos que se vinculam a quadros facilmente acessíveis, como “Guerra ao Terror”, que também ajudou a catalisar o “interesse em intervenção justificado por motivos humanitários”.

No geral, o estudo irá considerar os agentes regionais e internacionais entrelaçados à disputa geoestratégica de influência política e econômica no território iemenita. Subsequente, as variáveis – tais como a crise humanitária, os atores terroristas e a instabilidade governamental – serão consideradas sob condição consequencial das políticas implementadas, essencialmente, pela intervenção externa. A partir disso, serão destacados os principais elementos e motivações que cerceiam o conflito, observando os correspondentes categóricos às tipologias de guerra em uma perspectiva de compreender se esse caso se aplica à Guerra por Procuração.

Nesse sentido, o primeiro elemento de análise da presente pesquisa é a categorização do conflito no Iêmen; o segundo critério parte da investigação das tipologias de guerra e o terceiro é o estudo de caso. Formulada em uma pesquisa bibliográfica-exploratória, a pesquisa utiliza as teorias críticas enquanto fundamentação teórica, em razão desta utilizar as variáveis domésticas e internacionais do conflito e as teorias pós-clausewitzianas como orientação da problemática de pesquisa. Este trabalho busca, assim, tendo-se em vista os acontecimentos acima citados, compreender os marcadores políticos, econômicos, sociais e culturais do conflito no Iêmen, além de investigar a escalada transnacional que a Guerra Civil desenvolveu. Nesse sentido, o método de pesquisa adotado propicia a passagem por caminhos que auxiliam na concepção e no entendimento do objetivo final: desenvolver a relação existente entre a procuração por regiões geoestratégicas e o desequilíbrio político no Iêmen com as novas categorias de guerra.



## 2 ANTECEDENTES DA GUERRA CIVIL

O Oriente Médio é uma região geopolítica que enfrentou fenômenos contraditórios, na qual as crises políticas e sociais intentaram abalar a estabilidade regional, mas as características políticas definidoras da região provaram de modo incansável serem notavelmente resilientes (MACQUEEN, 2017). Apesar de frequentemente considerada uma “guerra esquecida”, é inequívoco associar o conflito no Iêmen como uma “guerra ignorada”, na qual aliados de países ocidentais cometem atrocidades com armamento fornecido pelo Ocidente. Enquanto alguns Estados restringiram ou interromperam as exportações de armas por causa do conflito no Iêmen, os maiores fornecedores de armas – principalmente os Estados Unidos, o Reino Unido e a França – até agora adotaram uma atitude de “negócios como sempre”, acelerando as vendas de armas por causa da guerra (NAGRA e O’NEAL, 2019).

Economicamente, o Iêmen tem um setor petrolífero pouco expressivo, e em declínio. Desde 2009, o país conseguiu expandir sua exploração e produção de gás natural (HAYKEL, 2013), mas continua sendo um Estado empobrecido com extrema necessidade de assistência econômica. Com sua economia dominada pela exportação de petróleo bruto (SALISBURY, 2011), e sua história de controle britânico, devido à sua localização na rota para a colônia econômica e politicamente importante da Índia, o Iêmen exemplifica a economia de um Estado periférico.

Os países que passaram pelo processo de descolonização encontraram dificuldades no fortalecimento de suas instituições em decorrência ao modo pela qual a construção do Estado fora realizada. Através do rompimento com o ideal de confronto direto em disputas políticas, e a reorganização da ordem mundial no início da década de 1990, cada país passou por diferentes impactos acerca da construção do Estado – vide que, enquanto as nações ocidentais se consolidaram a partir de Vestfália, economias de “transição” ainda tentam concluir os processos de construção de Estado à medida que se integram às economias de mercado desenvolvidas (HVEEM, 2000). Nessa perspectiva, os processos de construção de Estado se entrelaçam com a segurança internacional, o que, de certa forma, representa convergência em vários campos: segurança internacional, desenvolvimento, estabilidade financeira global e resolução de conflitos (CALL, 2011).

Autores como David Chandler (2006, p. 64) realizam uma crítica à agenda de construção de Estado assimilada pelo Ocidente, uma vez que – nas palavras do autor – “sua função obscurece o exercício de poder e impulsiona a institucionalização de novas hierarquias

de poder, ao invés de nivelar o xadrez político global profundamente desigual”. O Estado iemenita é muito frágil, muito vulnerável, disse o professor Fawaz A. Gerges (2015, p. 13). O Iêmen é descrito como um Estado falido por comentaristas com suas instituições estatais fracas, decadência econômica, infraestrutura precária e grandes níveis de dependência de drogas (KARAKIR, 2018, p. 123).

Intervenções externas, como a Guerra ao Terror liderada pelos países ocidentais, sob o pretexto de democratização e de manutenção da paz, não foram capazes de reverter os infortúnios que assolam os países periféricos atualmente, onde já há tendências de desintegração dos Estados nacionais combinadas com guerras étnico/religiosas e desenvolvimento de redes terroristas de escopo global (VIOLA e BASSO, 2016). Assim, a escusa da chamada “Guerra ao Terror”, dentre outros resultados, intensificou a instabilidade política e econômica no fortalecimento institucional dos Estados do Oriente Médio, em especial aqueles em contraste ao bloco hegemônico mundial. Como consequência, o papel dos conflitos na região se reverberam no principal motor da deterioração global da paz desde 2008 (INSTITUTE FOR ECONOMICS AND PEACE, 2022). No julgamento de Johan Galtung (2005), o uso desse tipo de violência perpetuada nos conflitos deixa sempre resquícios perniciosos, seja a curto ou a longo prazo, e com a amplificação das desigualdades socioeconômicas e da violência.

De outro ponto de vista, a crise estratégica no Iêmen é a extensão de outras crises globais, tanto em nível regional quanto internacional, e no Oriente Médio (EL GHAMARI, 2015, p. 45). Alguns países localizados ao redor da Península Arábica, incluindo Iêmen e Omã, vêm tentando seguir políticas mais independentes em comparação com os Estados litorâneos do Golfo Pérsico, que estão sob influência política e militar da Arábia Saudita (EL GHAMARI, 2015, p. 45).

Com a abundância de exportação de petróleo do regime de Ali Abdullah Saleh<sup>2</sup> e a ausência de frutos benéficos do setor para o país como um todo, um conflito que perdura até os dias atuais se desdobrou (GUIDERO; HALLWARD, 2019). Apesar disso, os períodos conflitantes no Iêmen são datados para além do século XXI, tendo sua origem, principalmente, em 1960 com os *Zaydis*<sup>3</sup> (WILSON CENTER, 2022). Os *Houthis*, um de nossos atores centrais nesse impasse histórico, são um grupo *Zaydi* de origem provinciana

---

<sup>2</sup> Presidente da República Árabe do Iêmen, de 1978 a 1990, e do Iêmen unificado, de 1990 a 2012. Morto em 2017, após incursão militar Houthi.

<sup>3</sup> *Zaydis* são a vertente mais antiga dos xiitas e atualmente são o segundo maior grupo. Estes fiéis acreditam que Zayd ibn Ali foi o legítimo sucessor do Imamato porque liderou uma rebelião contra o Califado Omíada, que ele acreditava ser tirânico e corrupto. Segundo os *Zaydis*, um verdadeiro Imam deve lutar contra governantes corruptos.

Sa'dah, na fronteira com a Arábia Saudita que surge do protagonismo em uma insurgência contra o governo no ano de 2004 em protesto à morte de seu líder, Hussein Badreddin al-Houthi, morto em uma repressão militar devido aos seus protestos políticos contra o governo vigente.

As ondas revolucionárias de manifestações e revoltas que varreram o Oriente Médio e o Norte da África são conhecidas como o estágio inicial da Primavera Árabe (2010-2012), que se seguiu no Iêmen, pautando o desemprego, as condições econômicas e a corrupção (AL-TAMIMI; VENKATESHA, 2020). Em 2011, na política iemenita, as tensões se retroalimentam entre atores não-estatais e o governo iemenita, escalando o cenário interno à uma revolta armada. A principal reivindicação se ampliou para a renúncia de Ali Abdullah Saleh, que perdurou até Abdrabbuh Mansur Hadi, vice-presidente, tornar-se presidente interino após um atentado no complexo presidencial contra Saleh, quem buscou tratamento na Arábia Saudita. No fim do mesmo ano, Saleh assinou um acordo de transferência de poder intermediado pelo Conselho de Cooperação do Golfo em Riad, segundo o qual ele transferiria seu poder para Hadi, dentro de 30 dias e deixaria seu cargo como presidente em fevereiro de 2012, em troca de imunidade de acusação. Antes de sua deposição, Saleh havia sido presidente por mais de 30 anos.

A Guerra Civil do Iêmen iniciou-se, de fato, em 2014 quando insurgentes *Houthis* assumiram o controle da capital e maior cidade iemenita, Sana'a, exigindo preços mais baixos de combustível e um novo governo (CENTER FOR PREVENTIVE ACTION, 2022). Após negociações fracassadas, os rebeldes tomaram o palácio presidencial em janeiro de 2015, levando Hadi e seu governo a renunciar. Em março, uma coalizão de Estados do Golfo, liderada pela Arábia Saudita, lançou uma campanha de isolamento econômico e ataques aéreos contra os *Houthis*, com apoio logístico e de inteligência dos Estados Unidos (CENTER FOR PREVENTIVE ACTION, 2022).

### 3 ASPECTOS CONCEITUAIS DE GUERRAS POR PROCURAÇÃO

A Enciclopédia de Filosofia de Stanford descreve que “*a guerra deve ser entendida como um conflito armado real, intencional e generalizado entre comunidades políticas*”<sup>4</sup>. Já na opinião de Carl Von Clausewitz, a guerra é como “*um ato de força para obrigar nosso inimigo a fazer nossa vontade*”<sup>5</sup>. Apesar de distintas, mas complementares, as definições abordadas trazem diferentes dimensões das guerras atuais. Por vezes, a guerra pode estar limitada em conflitos entre Estados, mas, no caso da Guerra por Procuração, trata-se de um conflito armado entre dois Estados ou atores não-estatais, em que um ou ambos agem por instigação ou em nome de outras partes que não estão diretamente envolvidas nas hostilidades (OSMAŃCZYK, 2003, p. 1869). Além disso, para que um conflito seja considerado uma Guerra por Procuração, deve haver uma relação direta e de longo prazo entre os atores externos e os beligerantes envolvidos (HUGHES, 2014, p. 12-13), que geralmente assume a forma de financiamento, treinamento militar, armas ou outras formas de assistência material que auxiliam uma parte beligerante a sustentar seu esforço de guerra.

#### 3.1 A evolução da literatura acerca de Guerras por Procuração

Ao longo da história, conflitos violentos foram um aspecto conspícuo da experiência humana. No limiar do século XXI, terrorismo, conflitos civis, guerras entre Estados-nação, genocídio e a proliferação de armas de destruição em massa dominaram as manchetes dos noticiários recorrentemente (ANDERTON e CARTER, 2019). Apesar de autores como Thomas Szayna (2017) e da **Figura 1**<sup>6</sup> demonstrarem que o modelo de guerras interestatais é cada vez mais raro, a Guerra por Procuração – que se encaixa nesta concepção<sup>7</sup> – está cada vez mais presente em conflitos, principalmente na região do Oriente Médio, nos casos da Síria (MARSHALL, 2016) e do Iêmen (RAUTA, 2021). Contemplando a frequência de inícios de guerras interestatais, intraestatais, extraestatais e não-estatais de 1820 a 2017, a **Figura 1** demonstra que houveram 663 inícios de guerras de todos os tipos no mundo de 1820 a 2017.

<sup>4</sup> OREND, Brian. War. The Stanford Encyclopedia of Philosophy. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2008/entries/war/>>. Acesso em: 06 de nov. 2022.

<sup>5</sup> CLAUSEWITZ, Carl von. On War. Princeton: Princeton University Press, 1976.

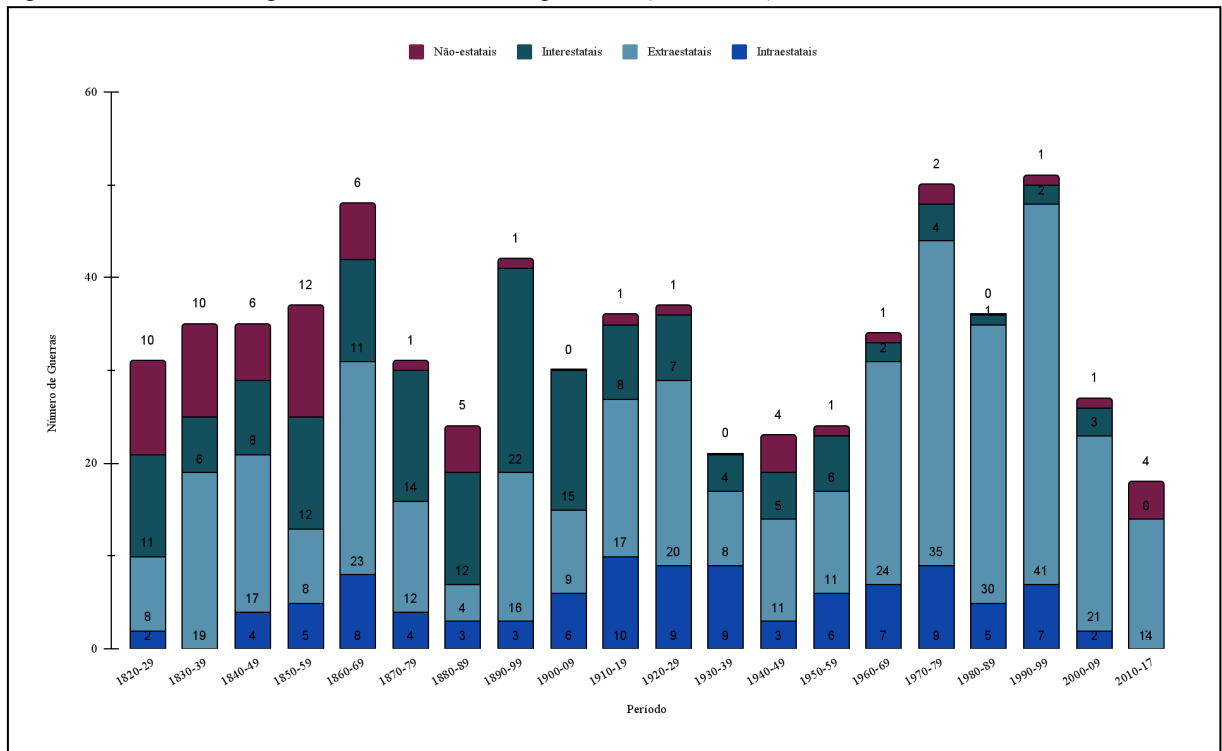
<sup>6</sup> ANDERTON, Charles H.; CARTER, John R. Principles Of Conflict Economics: The Political Economy Of War, Terrorism, Genocide, And Peace. Cambridge University Press, 2019.

<sup>7</sup> WORLD101. What Is Interstate Conflict? Bombs And Bullets Are Not Required For Countries To Come Into Conflict. Disponível em:

<<https://world101.cfr.org/how-world-works-and-sometimes-doesnt/conflict/what-interstate-conflict>>.

Cerca de metade das guerras foram intraestatais<sup>8</sup> (348), seguidas por extraestatais<sup>9</sup> (153), interestatais<sup>10</sup> (95) e não-estatais<sup>11</sup> (67).

Figura 1 – O caráter das guerras modernas-contemporâneas (1820-2017)



Fonte: Charles Anderton e John Carter, 2019.

A Guerra por Procuração apresentou-se na forma de um sistema de causas, possibilitando aos Estados estrangeiros apoiarem grupos rebeldes em uma guerra civil (GLEDITSCH et al. 2008, p. 484). Uma vez que os atores não-estatais estão na análise central das discussões como apostas deste tipo de guerra (MOGHADAM; WYSS, 2020), estas têm sido caracterizadas como conflitos não-estatais com grupos rebeldes – que costumam atuar como procuradores de outros Estados, a fim de aumentar suas capacidades por meio de apoio político, econômico e militar. (PETTERSON; HOGBLADH; OBERG, 2019).

<sup>8</sup> Descreve a violência política sustentada que ocorre entre grupos armados que representam o Estado e um ou mais grupos não-estatais. A violência desse tipo geralmente está confinada dentro das fronteiras de um único Estado, mas geralmente tem dimensões internacionais significativas e corre o risco de se espalhar para estados fronteiriços (MISS WORLD SECURITY, 2012).

<sup>9</sup> O conflito extraestatal é entre um Estado (membro do sistema internacional) e uma entidade política que não vem na forma de um Estado reconhecido. Este tipo de conflito pode ocorrer fora dos limites do Estado reconhecido pela comunidade internacional.

<sup>10</sup> A violência interestadual é um conflito entre dois ou mais Estados (ambos membros do sistema internacional), que usam suas respectivas forças nacionais no conflito (MISS WORLD SECURITY, 2012).

<sup>11</sup> Trata-se de guerras irregulares, promovidas por atores não-estatais envolvidos em um conflito (RAVICHANDRAN, 2011).

Globalmente, têm sido associadas à competição de grandes potências como uma mera composição das guerras atuais (FAZAL; POST, 2019). No Oriente Médio, este estado de guerra é fruto dos esforços empreendidos para mudança da direção de um equilíbrio regional (EL GHAMARI, 2015, p. 44), que já sofre alterações frequentes por medidas hostis. Observada, principalmente, na Guerra Fria, a Guerra por Procuração reforça os aparatos assimétricos da política internacional. A avaliação de Vladimir Rauta (2012, p. 7) evidencia o requerimento do tipo de comportamento violento (guerra, conflito ou intervenção), bem como seu caráter (baixa intensidade, grande poder e afins) para análise. As particularidades, por sua vez, complementam os graus variados de especificidade em relação aos atores envolvidos, contextos estratégicos e aos benefícios de empreendê-los. Com isso, o modelo de procuração é resultado de

um fértil terreno que comporta o enxugamento das forças armadas convencionais, a inconciliabilidade de conflitos convencionais em muitos casos, dada a ameaça nuclear, o corte implacável da base tributária dentro das nações avançadas, a terceirização da segurança para empreiteiros privados que resultou disso e, finalmente, o abandono das estratégias de substituição de importações nas economias em desenvolvimento em direção a fronteiras abertas (LE BILLON, 2012, p. 191).

Para compreender os aspectos conceituais e semânticos das Guerras por Procuração, faz-se relevante a categorização desta enquanto “subtipos de intervenção” (RAUTA, 2012, p. 8). Uma vez que se utiliza como base conceitual o pressuposto deste modelo de conflito como um tipo de intervenção, vigora o papel da política externa. A intervenção seria conceituada, portanto, como uma ferramenta de política externa (PALMER; MORGAN, 2006; REGAN, 2010). Isso se materializa ao entender os atores não-nacionais envolvidos na guerra. A “intervenção” seria definida, aqui, de modo mais amplo, como “um meio de projetar poder” que “tem uma utilidade política prática ou funcional para abordar uma série de problemas de política externa” (MACMILLAN, 2019, p. 576). Portanto, intervenção significa operações militares de grande escala destinadas a influenciar resultados estratégicos e envolve os seguintes componentes: I) um interventor; II) um Estado alvo; e III) um modo de intervenção (RAUTA, 2012, p. 8).

Para além de suas reverberações, as discussões acerca dos estudos da conceituação da Guerra por Procuração pontuam elementos conceituais, com pressupostos, condições e características, como observado na **Tabela 1**. Aqui, tratam-se de características baseadas nas obras de Vladimir Rauta (2012), Cecily Brewer (2011), Andrew Mumford (2013), Kim Cragin (2015), Anthony Pfaff (2017), Assaf Moghadam e Michel Wyss (2020), Geraint

Hughes (2012), Erica Dreyfus Borghard (2014), Brendan Sozer (2016), Indra de Soysa (2017) e Tyrone Groh (2019).

O que os autores trazem como oportunidade é a classificação de quais conflitos históricos e atuais podem se encaixar na categoria de Guerra por Procuração, ao traçar detalhes como: quem luta, contra quem, por quem e a pedido de quem; por que luta, onde e por quanto tempo (RAUTA, 2012, p. 11). Nesse sentido, parâmetros de envolvimento direto-indireto; transnacionalização do conflito; custos econômicos; prevenção e precaução; patrocínio, procuração e alvo; similitude; apoio estratégico político e militar; e busca por recursos.

Tabela 1 – Aspectos conceituais das Guerras por Procuração

<b>DEFINIÇÕES</b>			
	<b>DIMENSÕES DE DEFINIÇÃO</b>		
<b>ASPECTOS</b>	<b>SUPOSIÇÕES</b>	<b>CONDIÇÕES</b>	<b>CARACTERÍSTICAS</b>
Substituibilidade direta-indireta <sup>12</sup>	X		
Substituição interestatal/intra-estatal <sup>13</sup>		X	
Custo-benefício <sup>14</sup>			X
Aversão a risco <sup>15</sup>			X
Relações triádicas (patrocinador/procurador/alvo) <sup>16</sup>		X	
Assimetria relacional <sup>17</sup>	X		
Fornecimento de suporte/assistência <sup>18</sup>		X	
Fornecimento externo de apoio/assistência direta <sup>19</sup>			X
Influência do resultado <sup>20</sup>	X		
Disponibilidade por procuração <sup>21</sup>		X	
Tipologia de proxy (estatal x não-estatal) <sup>22</sup>			X

Fonte: RAUTA, Vladimir, 2012, p. 11.

<sup>12</sup> BREWER, 2011, p. 138; MUMFORD, 2013, p. 11; CRAGIN, 2015, p. 312; PFAFF, 2017, p. 312; RAUTA, 2018, p. 457.

<sup>13</sup> BREWER, 2011, p. 138.

<sup>14</sup> BREWER, 2011, p. 138; MUMFORD, 2013, p. 11.

<sup>15</sup> BREWER, 2011, p. 138.

<sup>16</sup> MUMFORD, 2013, p. 11; RAUTA, 2018, p. 457; MOGHADAM e WYSS, 2020, p. 124-125.

<sup>17</sup> MOGHADAM e WYSS, 2020, p. 124-125.

<sup>18</sup> HUGHES, 2012, p. 11; MOGHADAM e WYSS, 2020, p. 124-125.

<sup>19</sup> HUGHES, 2012, p. 1; MUMFORD, 2013, p. 11; BORGHARD, 2014; SOZER, 2016, p. 643; DE SOYSA, 2017, p. 12-13.

<sup>20</sup> MUMFORD, 2013, p. 11; SOZER, 2016, p. 64; GROH, 2019, p. 29; MOGHADAM e WYSS, 2020, p. 124-125.

<sup>21</sup> HUGHES, 2012, p. 11; CRAGIN, 2015, p. 312; BORGHARD, 2014; SOZER, 2016, p. 643; RAUTA, 2018, p. 457; GROH 2019, p. 29.

<sup>22</sup> HUGHES, 2012, p. 11; INNES, 2012, p. 15; MUMFORD, 2013, p. 45; MOGHADAM e WYSS, 2020.

Três critérios são relevantes para o enquadramento de um conflito na concepção de procuração conforme Hughes (2012): I) prestação de assistência direta; II) existência de um objetivo comum; e III) relação beneficiário-procurador sustentada, não mera cooperação de curto prazo. Finalmente, Rauta (2012, p. 12) apresenta a seguinte estrutura: I) uma característica material constitutiva, por exemplo, o fornecimento de alguma forma de suporte a um procurador por um ator externo, um beneficiário; II) um recurso processual explicando as modalidades pelas quais o componente material-constitutivo é fornecido; e III) uma característica relacional subjacente ao seu tipo específico de comportamento estratégico e seu caráter, por exemplo, negociação estratégica sem construir alianças.



## 4 ANÁLISE CATEGÓRICA DO CONFLITO NO IÊMEN SOB A ÓTICA CONCEITUAL DA GUERRA POR PROCURAÇÃO

Embora a religião desempenhe um papel relevante na expansão do conflito entre Arábia Saudita e Irã no Iêmen, as causas subjacentes do conflito iemenita são mais enraizadas do que as de uma tensão sectária entre sunitas e xiitas (KARAKIR, 2018), ou uma mera associação étnica entre árabes e persas. O envolvimento desses atores externos, bem como os ocidentais, apenas impulsionou uma crise já multifacetada, afastado do sectarismo religioso. Aqui, entende-se como “análise categórica” o processo de alocar os aspectos conceituais provindos da literatura em encontro com as ocorrências e eventos do início da Guerra no Iêmen, em 2011, até o momento, a fim de avaliar se a Guerra Civil do Iêmen pode ser descrita como uma Guerra por Procuração entre a Arábia Saudita e o Irã.

### 4.1 Substituibilidade direta-indireta

Este aspecto formula que uma guerra por procuração, ao contrário do conflito direto, permitiu que cada governo desestabilizasse seu vizinho indiretamente (BREWER, 2011, p. 147). Isto é, trata-se de um conflito indireto entre dois Estados. À primeira vista, o conflito em curso no Iêmen aparenta ocorrer entre dois blocos principais. Por um lado, há o presidente internacionalmente reconhecido do Iêmen, Abdrabbo Mansour Hadi, apoiado pela coalizão liderada pela Arábia Saudita, enquanto, por outro lado, o segundo bloco é composto pelos rebeldes *Houthis* e uma série de outros grupos, com diferentes agendas políticas, tal como Al-Qaeda na Península Arábica (AQAP), secessionistas no sul e o Estado Islâmico (ARRAF, 2017, p. 2). Os atores não-estatais elencados anteriormente, contudo, não estão sob o controle dos dois principais lados do conflito – isto é, o Irã e a coalizão saudita –, visto as ações e mudanças de acordo com seus interesses (KARAKIR, 2018, p. 124).

### 4.2 Custo-benefício

A característica custo-benéfica entra quando o Estado percebe que não tem capacidade para vencer um confronto direto, seja porque tem militares relativamente fracos, controle fraco sobre suas forças armadas, ou já está engajado em outro lugar. Em suma, os líderes do Estado calculam que os ganhos da guerra “quente” não valem os riscos e custos. Segundo Brewer (2011), uma Guerra por Procuração é uma alternativa *barata* e de *baixo risco* à guerra

total. Em segundo lugar, o objetivo muitas vezes não é derrubar, o que poderia criar um caos improdutivo, ou ocupar, o que exigiria mais poder do que o Estado pode reunir e/ou mais condenação da comunidade internacional do que o Estado julga valer a pena. O objetivo de uma guerra por procuração é muitas vezes *desestabilizar*, com a vantagem apontada ao Estado grande (BREWER, 2011).

No que tange à essa consideração, pouca atenção pode ter sido dada aos desenvolvimentos no Iêmen, mas o desmoronamento de um governo iemenita sob cerco de tribos apoiadas pelo Irã é um resultado ruim com implicações muito mais amplas. Dada a importância estratégica do Iêmen na entrada do Mar Vermelho e, portanto, do Canal de Suez, e sua proximidade com os Estados do Golfo, notadamente a Arábia Saudita, com a qual compartilha uma fronteira porosa de 1.800 quilômetros, a crise iemenita não pode ser ignorada (EL GHAMARI, 2015, p. 49). A instabilidade nos mercados de petróleo é parcialmente atribuída a esses eventos preocupantes na Península Arábica. A notícia sem vitória para o setor de energia é que os preços do petróleo cairão se as sanções ao Irã forem levantadas, e podem cair de qualquer maneira, dada a desaceleração da economia global e o excesso de oferta crônico de cerca de 1,5 milhão de dólares (LEVERETT; LEVERETT, 2015, p. 52).

O antagonismo entre Estados vestefalianos – em busca de mercados, territórios e recursos – carrega em sua matriz o uso severo da violência política aplicada por atores hegemônicos e contra-hegemônicos, que possuem agendas políticas de caráter imperial, amplamente definidas pelas classes capitalistas. Enquanto a Casa de Saud há muito considera o Iêmen uma província subordinada de algum tipo e como parte da esfera de influência, os Estados Unidos querem ter certeza de que poderiam controlar o Bab AlMandeb<sup>23</sup>, o Golfo de Aden e as Ilhas Socotra. São pontos geoestratégicos tão importantes quanto o Canal de Suez para as rotas marítimas e comércio entre África, Ásia e Europa (EL GHAMARI, 2015, p. 48).

Além da importância geopolítica do Iêmen na supervisão de corredores marítimos estratégicos, está o arsenal de mísseis militares. De acordo com El Ghamari (2015), os mísseis do Iêmen podem atingir qualquer navio no Golfo de Aden ou Bab Al-Mandeb. Nesse sentido, o ataque saudita aos depósitos de mísseis estratégicos do Iêmen atende aos interesses dos EUA e de Israel. O objetivo não é apenas impedir que eles sejam usados para retaliar os esforços da força militar saudita, mas também impedir que estejam disponíveis para um

---

<sup>23</sup> O Bab Al-Mandeb é um importante ponto de estrangulamento estratégico para o comércio marítimo internacional e remessas de energia que conecta o Golfo Pérsico através do Oceano Índico com o Mar Mediterrâneo através do Mar Vermelho.

governo iemenita alinhado ao Irã, Rússia ou China (EL GHAMARI, 2015, p. 49). Na **Figura 2**, apresenta-se o mapa do Oriente Médio, com o Iêmen, Arábia Saudita e Irã em foco. Ainda no mapa, é perceptível o posicionamento de vantagem geográfica iemenita com o Mar Vermelho, sendo possível – caso implementado – realizar o controle marítimo de entrada e saída.

Figura 2 – Mapa do Iêmen, Arábia Saudita e Irã



Fonte: SIMIELLI, Maria Elena. Geoatlas. São Paulo: Ática, 1997.

#### 4.3 Aversão a risco e a substituição interestatal/intra-estatal

Em seu livro seminal, *War in an Age of Risk* (2009), Christopher Coker argumenta que a guerra fundamentalmente “tornou-se gerenciamento de risco em tudo, menos no nome”<sup>24</sup>. A Guerra por Procuração tipifica essa afirmação, ao apresentar os riscos associados à intervenção direta em guerras inter ou intraestatais são evidentes: condenação internacional; perda de vidas de militares; altos custos financeiros de implantações longas e substanciais; e o embaraço potencial do fracasso estratégico aberto (MUMFORD, 2013). A intervenção por procuração contorna esses riscos em grande medida, mas de forma alguma em sua totalidade.

<sup>24</sup> COKER, Christopher. *War In An Age Of Risk*. Cambridge: Polity, 2009. p. 8.

Coker continua sua argumentação ao alegar que “a linguagem e o método de análise de risco também se aplicam não apenas à maneira como concebemos a guerra, mas também à maneira como a conduzimos”<sup>25</sup>, guerras indiretas – e muitas vezes encobertas, a fim de tirar o máximo proveito das guerras de outros sem ter que assumir o ônus dos riscos listados acima que estão associados à guerra convencional. Um dos principais elementos de risco que as guerras por procuração evitam é o potencial de escalada dos conflitos.

Se, como Charles Gochman e Russell Leng argumentaram, “a demonstração de poder no contexto de disputas interestatais militarizadas envolve a disposição de arriscar uma escalada com o propósito de mostrar determinação”<sup>26</sup>, então a demonstração de poder no contexto de procuração a intervenção envolve a disposição de desarmar a escalada com o propósito de mascarar uma possível resolução. Há uma consciência das possibilidades de aproveitar as estratégias de guerra por procuração em áreas onde a intervenção militar direta é muito cara ou muito arriscada nos próximos anos (MUMFORD, 2013). Ainda assim, na concepção de Brewer (2011, p. 138), a Guerra por Procuração é uma classificação de conflito que desafia a dicotomia tradicional entre interestadual e intraestatal, visto que

As guerras por procuração são interestatais. conflitos combatidos por meios intraestatais. Embora a distinção entre essas categorias de guerra seja semântica, a implicação para a resolução de conflitos é significativa. Frequentemente, os sintomas intraestatais do conflito chamam a atenção e atraem esforços de resolução, enquanto o condutor interestadual do conflito é ignorado. Quando a análise de conflitos e os esforços de resolução não levam em conta adequadamente a influência, ainda que indireta, desses atores poderosos, o conflito persiste (BREWER, 2011, p. 138).

#### **4.4 Relações triádicas (patrocinador/procurador/alvo), assimetria relacional e tipologia de procuração (estatal x não-estatal)**

A partir da base de dados do Yemen Data Project, foi possível traçar o número de ataques aéreos liderados pela Arábia Saudita em comparação ao número total de baixas civis, isto é, o valor de fatalidades e ferimentos de civis iemenitas. Conforme o **Gráfico 1**<sup>27</sup>, observa-se o declínio de ataques aéreos no período pré-pandemia da COVID-19 e uma ascensão de 150,31% em um período de um ano. Em 2022, o valor foi reduzido em razão da trégua mediada pela ONU entre os *Houthis* e o governo de Hadi, que incluiu a suspensão de todas as operações militares ofensivas dentro e fora do país. Simultaneamente, as partes do

---

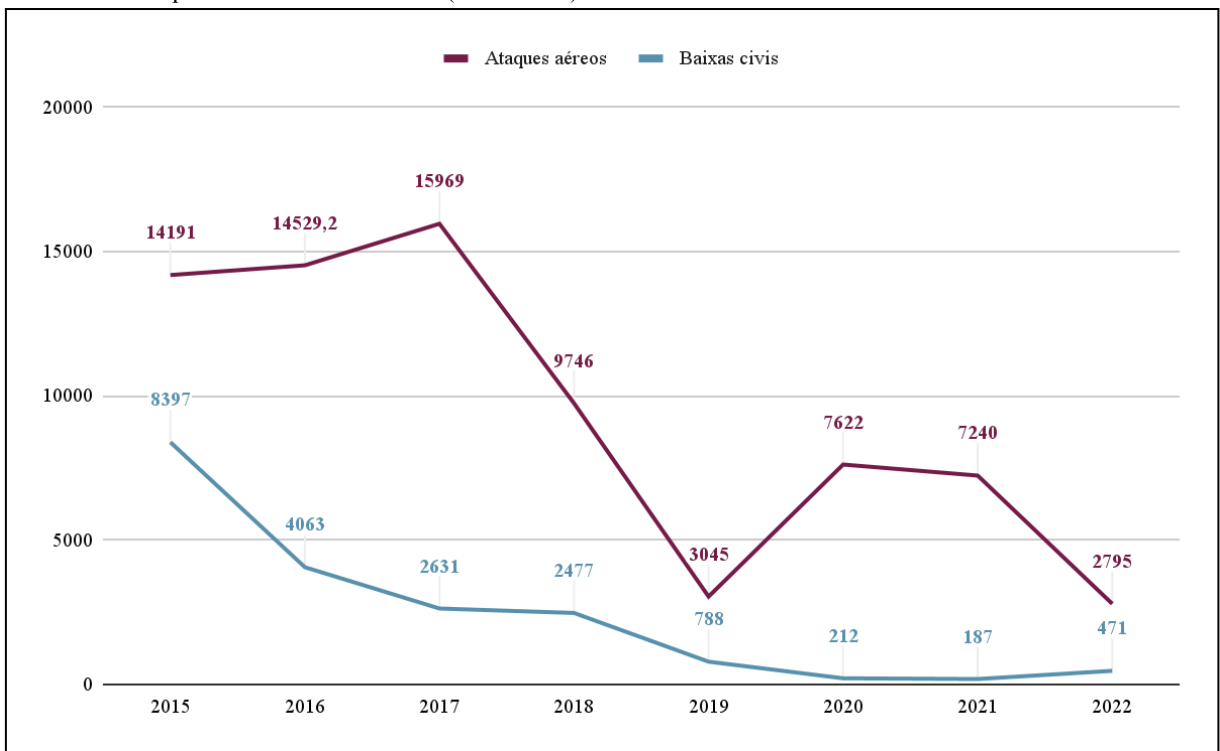
<sup>25</sup> Ibid., p. 7

<sup>26</sup> GOCHMAN, Chales S.; LENG, Russel J. Realpolitik And The Road To War: An Analysis Of Attributes And Behavior. *International Studies Quarterly*, 1983. p. 100.

<sup>27</sup> Os valores foram coletados a partir do Yemen Data Project (2022), filtrados entre o ano de 2015 e 2022.

conflito se envolveram em várias iniciativas de paz ao longo de março e abril de 2022. No início de março, o enviado especial da ONU para o Iêmen, Hans Grundberg, iniciou várias semanas de consultas com as partes interessadas iemenitas para informar o desenvolvimento de sua Estrutura para o Iêmen – um processo multifacetado para alcançar um acordo político sustentável (Gabinete do Enviado Especial do Secretário-Geral para o Iêmen, 7 de março de 2022).

Gráfico 1 – Ataques aéreos e baixas civis (2015-2022)



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Contudo, a trégua já foi violada quase 3.000 vezes, com mais de 400 fatalidades, sendo a maior ocorrência de ataques, respectivamente, por meio de: a) bombardeio/artilharia/ataque com mísseis; b) ataque aéreo/drone; c) confronto armado; d) uso de armas interrompido (interceptação) (ACLED DATA, 2022).

A Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos (EAU) são os membros da Coalizão que lideram a campanha militar no Iêmen e provavelmente responsáveis pela maioria dos ataques aéreos realizados<sup>28</sup>. A Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos foram os dois

<sup>28</sup> HUMAN RIGHTS WATCH. Hiding Behind The Coalition. HRW, 2018. Disponível em: <<https://www.hrw.org/report/2018/08/24/hiding-behind-coalition/failure-credibly-investigate-and-provide-redress-unlawful>>.

maiores importadores de armas dos EUA entre 2013 e 2017. A Arábia Saudita comprou 18% das exportações de armas dos EUA no período e os Emirados Árabes responderam por 7,4%<sup>29</sup>. Em 2017, o governo dos EUA notificou o Congresso de US\$ 17,9 bilhões das vendas propostas de armas e outros apoios militares para a Arábia Saudita e US\$ 2,8 bilhões para os Emirados Árabes Unidos<sup>30</sup>. A coalizão saudita, ainda, impôs um bloqueio aéreo e naval desde março de 2015 e restringiu o fluxo de bens que salvam vidas e a capacidade dos iemenitas de entrar e sair do país em graus variados durante a guerra.

Entre o limiar do conflito e a conjuntura presente, o custo humanitário é alarmante, perpassando por diversas violações de direitos humanos e direito internacional. O **Gráfico 2**<sup>31</sup> demonstra o percentual de ocorrência dos tipos de violência contra civis iemenitas nos últimos sete anos, a partir da coleta de dados da ACLED Data. No geral, as ocorrências fatais contra civis são, em sua maioria, resultado de ataques aéreos da coalizão saudita que atingiram casas, mercados, hospitais, escolas e mesquitas, podendo equivaler a crimes de guerra. Sendo assim, temos a Arábia Saudita como patrocinador, os rebeldes como procuradores e o Iêmen como alvo, bem como uma tríade de relações assimétricas.

---

KNIGHTS, Michael. Setting Limits On The Saudi Air Campaign In Yemen. Washington Institute, 2018. Disponível em: <<https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/view/setting-limits-on-the-saudi-air-campaign-in-yemen>>.

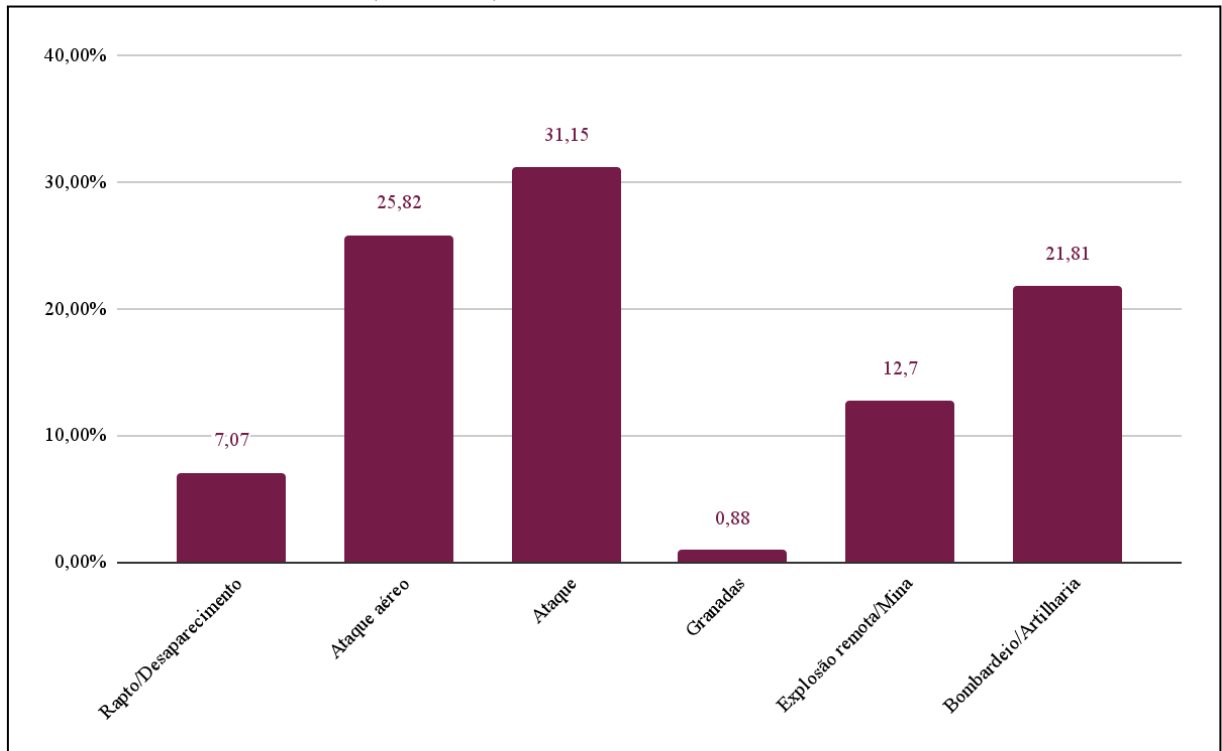
HUSSEIN, Rahma A. et al. New Un Report Says All Parties To Yemen Conflict May Be Responsible For War Crimes, Just Security, 2018. Disponível em: <<https://www.justsecurity.org/60612/report-parties-yemen-conflict-responsible-war-crimes/>>.

<sup>29</sup> STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE. International Arms Transfers. Disponível em: <<https://www.sipri.org/research/armament-and-disarmament/arms-transfers-and-military-spending/international-arms-transfers>>.

<sup>30</sup> HARTUNG, William. Security Assistance Monitor, Trends In Major Us Arms Sales In 2017: A Comparison Of The Obama And Trump Administrations. Security Assistance Monitor, 2018.

<sup>31</sup> Os valores foram coletados a partir do The Armed Conflict Location & Event Data Project (ACLED), filtrados entre o ano de 2015 e 2022.

Gráfico 2 – Violência contra civis (2015-2022)



Fonte: The Armed Conflict Location & Event Data Project (ACLED), 2022.

Em setembro, o Grupo de Eminentes Especialistas Internacionais e Regionais da ONU sobre o Iêmen afirmou que tinha “motivos razoáveis” para acreditar que as partes do conflito no Iêmen eram responsáveis por graves violações de direitos humanos e reiterou seu apelo ao Conselho de Segurança da ONU para encaminhar a situação no Iêmen ao Tribunal Penal Internacional. A Arábia Saudita fez uma vigorosa campanha para encerrar o mandato do Grupo de Eminentes Especialistas, que não foi renovado na sessão de setembro do Conselho de Direitos Humanos da ONU em 2021.

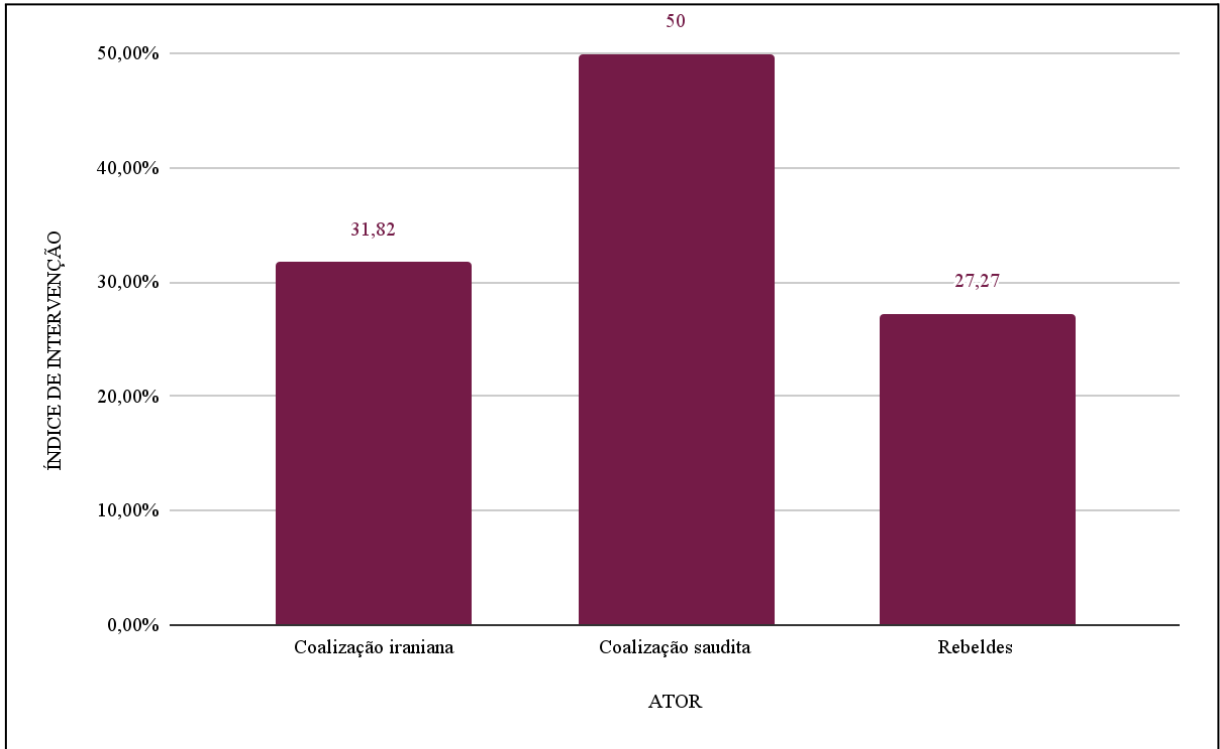
#### 4.5 Fornecimento de suporte/assistência, fornecimento externo de apoio/assistência direta, e influência do resultado

Os dados demonstram que existe capacidade de influência de resultado por parte da coalizão saudita e iraniana na busca de seus objetivos estratégicos, fornecendo assistência direta e intencional a um ator existente no conflito. O **Gráfico 3**<sup>32</sup> demonstra o valor percentual de envolvimento externo no conflito iemenita considerando três divisões: a) a coalizão iraniana, na qual apenas o Irã a compõem; b) a coalizão saudita, composta pela

<sup>32</sup> Os valores foram selecionados a partir do banco de dados da Uppsala Conflict Data Program (UCDP) e passaram por tratamento através de Python com a biblioteca Pandas.

Árabia Saudita, Estados Unidos, Emirados Árabes Unidos, Barém, Egito, Kuwait, Malásia, Marrocos, Catar, Senegal e Sudão; e c) rebeldes, composto pelos movimentos Al-Shabaab<sup>33</sup> e Hezbollah<sup>34</sup>.

Gráfico 3 – Índice de intervenção externa por ator (2015-2022)



Fonte: Uppsala Conflict Data Program (UCDP), 2022.

Separados da guerra civil em curso, os Estados Unidos continuam as operações de contraterrorismo no Iêmen, contando principalmente com ataques aéreos contra a Al-Qaeda na Península Arábica (AQAP) e militantes associados ao autoproclamado Estado Islâmico. Em 2016, os Estados Unidos realizaram cerca de 35 greves no Iêmen; em 2017, realizou cerca de 130 (CENTER FOR PREVENTIVE ACTION, 2022). Em abril de 2016, os Estados Unidos enviaram uma pequena equipe de forças militares para aconselhar e ajudar as tropas lideradas pela Arábia Saudita a retomar território da AQAP; e em janeiro de 2017, um ataque das Forças de Operações Especiais americanas no centro do Iêmen matou um membro do serviço estadunidense, vários combatentes suspeitos de serem filiados à AQAP e um número desconhecido de civis iemenitas (CENTER FOR PREVENTIVE ACTION, 2022).

<sup>33</sup> Grupo terrorista e fundamentalista islâmico que atua primordialmente no sul da Somália.

<sup>34</sup> Organização política e paramilitar fundamentalista islâmica xiita transnacional fundada no período antecedente à revolução de Khomeini no Irã para auxiliar a consolidação do poder por Khomeini e os seus apoiantes.



De modo geral, todas as partes do conflito no Iêmen continuaram a cometer impunemente violações do direito internacional humanitário e dos direitos humanos, com a coalizão da Arábia Saudita, apoiando o governo iemenita reconhecido internacionalmente, e as forças Houthis continuaram a realizar ataques que mataram e feriram ilegalmente civis e destruíram objetos civis, incluindo infraestrutura alimentar (Amnesty International, 2022). Atualmente, o Iêmen vive um período de trégua mediada pela ONU, iniciado em 2 de abril de 2022, que proporcionou ao povo do Iêmen o primeiro alívio sustentado dos combates desde o início do conflito. Os resultados foram positivos: houve um aumento substancial nas importações de combustível através dos portos de Hodeidah, Sana'a abriu um aeroporto para voos comerciais, o acesso humanitário em algumas áreas melhorou e levou a reduções significativas no deslocamento interno e incidentes de segurança que causaram danos a civis (UNOCHA, 2022). O período que se seguiu ao anúncio da trégua também viu uma diminuição acentuada nas vítimas civis induzidas pelos conflitos, apesar do número de crianças e mulheres ainda sofrerem o peso dos incidentes violentos.

#### **4.6 Disponibilidade de procuração**

A disponibilidade de procuração refere-se a necessidade de existência de um local onde tenha conflitos em curso para que essas dinâmicas de enfrentamento se desenvolvam. É uma condição, pois sem isso, a guerra teria que acontecer por meios diretos. Estudiosos (POWEL, 2016; ZWEIRI, 2016) argumentaram que a partir da Primavera Árabe, uma nova “Guerra Fria” se instaurou entre a Arábia Saudita e o Irã, e que, de acordo com Powel (2016, p. 26), esta relação vem definindo o Oriente Médio no século XXI e que cada ator tenta ampliar sua influência na região (ZWEIRI, 2016, p. 4). Os países que estiveram sujeitos a uma guerra por procuração entre essas duas potências regionais incluem o Iraque, a Síria e o Iêmen (KARAKIR, 2018, p. 124). Esses conflitos, em adição à Líbia, tornaram-se arquétipos contemporâneos de guerras por procuração, somando-se a uma longa lista de guerras civis internacionalizadas, mas também à confusão geral sobre o que significam as “guerras por procuração”, como são travadas e com que consequências (RAUTA, 2021, p. 17).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou entender a análise categórica do conflito no Iêmen enquanto uma Guerra por Procuração, expandindo os horizontes das Ciências Sociais e da Segurança Internacional, agregando novas análises, principalmente no que tange a uma guerra esquecida pela comunidade internacional. Em seguida, desenvolveu-se a relação existente entre a procuração por regiões geoestratégicas e o desequilíbrio político no Iêmen com as novas categorias de guerra, atingido a partir das classificações teóricas paralelas às ocorrências e eventos ao longo de existência do conflito. Para se atingir uma compreensão dessa realidade, fez-se uma análise da literatura nos estudos de Segurança Internacional, buscando a evolução teórica e histórica das tipologias de Guerra por Procuração; bem como o papel do envolvimento de agentes internacionais e não-estatais na inflição da conjuntura securitária iemenita. Além disso, foram examinados os elementos que resultaram na transnacionalização da Guerra Civil no Iêmen, que evoluiu para uma dimensão internacional.

No geral, os estudos das Relações Internacionais envidaram esforços para esclarecer uma ampla gama de interações políticas entre países, sociedades e organizações e, para isso, a promoção de uma compreensão metodologicamente orientada da política internacional requer uma abordagem sistemática para identificar os processos fundamentais e as forças de mudança. Sendo assim, a metodologia utilizada nesta pesquisa foi o estudo de caso, a partir de levantamentos quantitativos e qualitativos documentais-bibliográficos.

Portanto, a presente pesquisa possibilitou a compreensão material-histórica do processo conflituoso que se desenvolveu no país de 2011 até os dias atuais. Desde a compreensão da presença e papel dos rebeldes até a intervenção externa por parte das coalizões, observa-se que a Guerra Civil transpassou as fronteiras nacionais e escalou para uma guerra de dimensão internacional, onde o centro dos fatores impulsores está na geoestratégia. Assim, encontrou-se na vulnerabilidade do Estado iemenita uma oportunidade de disputa de interesses políticos, militares e econômicos. Por conseguinte, através da revisão da evolução da literatura acerca de Guerras por Procuração, tornou-se mais explícito o aumento de guerras intraestatais e extraestatais. Apesar do modelo de Guerra por Procuração se encaixar no modelo interestatal, os aspectos conceituais demonstram que existe contemporaneamente uma dicotomia inter-intra-estatal, uma vez que o caráter interestatal se mantém, mas os meios de combate variam por tradições intraestatais.

Essa concepção auxilia no entendimento da substituibilidade direta-indireta do conflito, que delimita o conflito em dois blocos principais: a intervenção externa e os

rebeldes. São através destes autores que o custo-benefício e a aversão a risco se destacam, ao realçar que a disputa indireta é mais *rentável*, e os resultados podem ser frutíferos, uma vez que a anexação ou controle da região correspondem ao manuseio de dispositivos militares em áreas marinhas localizadas em pontos estratégicos do comércio internacional. Revela-se, também, por intermédio da análise de dados, que a coalizão saudita possui os maiores índices de ataques aéreos e baixas civis, bem como de intervenção no Iêmen. Politicamente, a Arábia Saudita combateu medidas humanitárias em organizações internacionais que visassem o monitoramento da conjuntura interna iemenita. Ainda assim, uma trégua foi estabelecida em abril de 2022, com decorrências já positivas, apesar dos impasses.

Por meio desta pesquisa, observou-se que a Guerra no Iêmen está inserida na classificação de Guerra por Procuração, em uma disputa por influência da Arábia Saudita e do Irã, além de seus respectivos aliados. Para além disso, entende-se a perseguição por recursos naturais para o desenvolvimento dos países do e/ou aliados do centro capitalista e por uma posição de relevância no sistema internacional o determinante para a flutuação na balança de poder no Oriente Médio. Contudo, este trabalho foi limitado pelas dificuldades e negligências em transparência de dados e informações extra-oficiais por parte do governo iemenita, que encontra-se frágil, mas também das limitações de organizações locais e internacionais em monitoramento do conflito no território, haja vista os constantes riscos de ataques estrangeiros ou de atores não-estatais. Por fim, essa produção contribui para os estudos das Relações Internacionais como base para futuras pesquisas acerca da Guerra no Iêmen que podem se delimitar em características específicas, tais como o delineamento de objetivo de cada um dos atores envolvidos, as estratégias e ferramentas utilizadas dentre a disputa, e a projeção das demandas dos grupos não-estatais a partir da anexação de territórios.

## REFERÊNCIAS

- AL-MUSLIMI, Farea. The Gulf's Failure In Yemen. **Carnegie Middle East Center**, 2022. Disponível em: <<http://carnegie-mec.org/2015/05/06/gulf-s-failure-in-yemen-pub-60022>>. Acesso em: 22 jul. 2022.
- AL-TAMIMI, Adeb Abdulelah Abdulwahid; VENKATESHA, Uddagatti. **Arab Spring In Yemen: Causes And Consequences**. **Shodh Sarita**, 2020. p. 59-63.
- AMNESTY INTERNATIONAL. Amnesty International Report 2021/22: The state of the world's human rights. **Amnesty**, 2022. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/documents/pol10/4870/2022/en/>>.
- ANDERTON, Charles H.; CARTER, John R. Principles Of Conflict Economics: The Political Economy Of War, Terrorism, Genocide, And Peace. **Cambridge University Press**, 2019.
- ARON, Raymond. Paz e Guerra entre as Nações. Brasília: **IPRI**, 2002. Disponível em: <<http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/0043.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2014.
- ARRAF, S. The Armed Conflict In Yemen: A Complicated Mosaic. **The Geneva Academy**, 2017, p. 1-10. Disponível em: <<https://www.geneva-academy.ch/joomlatools-files/docman-files/The%20Armed%20Conflict%20in%20Yemen.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- BBC News. Yemen Crisis: Why Is There A War?. Londres: **BBC News**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-middle-east-29319423>>. Acesso em: 22 jul. 2022.
- BELL, Sam R.; FRANK, Richard; MACHARIA, Paul. Passenger Or Driver?. A Cross-National Examination Of Media Coverage And Civil War Interventions. **International Interactions**, 2013. p. 646-671.
- BIRCHALL, G. What Is A Proxy War, What Happened During The Cold War And Is There A Proxy War In Syria Between The Us And Russia?. **The SUN**, 2018. Disponível em: <<https://www.thesun.co.uk/news/6039358/what-is-a-proxy-war-what-happened-during-the-cold-war-and-is-there-a-proxy-war-insyria-between-the-us-and-russia/>>. Acesso em: 13 abr. 2018.
- BORGHARD, Erica Dreyfus. Friends With Benefits? Power And Influence In Proxy Warfare. **Columbia University**, 2014.
- BREWER, Cecily G. Peril By Proxy: Negotiating Conflicts In East Africa. **International Negotiation**, 2011. p. 137-167.
- BRONSON, Rachel. Thicker Than Oil: America's Uneasy Partnership With Saudi Arabia. **Oxford University Press**, 2008.
- BRUCH, Elizabeth. **Human Rights and Humanitarian Intervention: Law and Practice in the Field**. Londres: Routledge, 2016.

- BURGESS, Stephen. Military Intervention In Africa: French And Us Approaches Compared. ed. 9. Alabama: **Air and Space Power Journal**, 2018. p. 5-25.
- BUZAN, Barry; HANSEN, Lene. **A Evolução dos Estudos de Segurança Internacional**. São Paulo: Editora da Unesp, 2012.
- CALL, Charles. Beyond The 'failed State': Toward Conceptual Alternatives. Washington: **US Institute of Peace**, 2011. p. 303-326.
- CARAPICO, S. Civil Society In Yemen: The Political Economy Of Activism In Modern Arabia. Cambridge: **Cambridge University Press**, 2009.
- CENTER FOR PREVENTIVE ACTION, 2022. War in Yemen. **Global Conflict Tracker**, 2022. Disponível em: <<https://www.cfr.org/global-conflict-tracker/conflict/war-yemen>>.
- CHANDLER, David. Empire In Denial: The Politics Of State-Building. **Pluto Press**, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/j.ctt18fs393>>. Acesso em: 03 set. 2022.
- CRAGIN, R. K. Semi-Proxy Wars And U.S. Counterterrorism Strategy. **Studies In Conflict & Terrorism**, n. 38, p. 311-327, 2015.
- DE SOYSA, Indra. **Proxy Wars**: Implications Of Great-Power Rivalry For The Onset And Duration Of Civil War. The Oxford Research Encyclopedia of Politics, 2017.
- EL GHAMARI, Magdalena. Jemen-The Proxy War. **Securitologia**, 2015. p. 43-56.
- ELLWANGER, Aléxia da Silva. **Uma Análise Sobre a Guerra Civil no Iêmen**. 2020.
- FALK, Richard. **Humanitarian Intervention And Legitimacy Wars**: Seeking Peace And Justice In The 21st Century. Routledge, 2014.
- FAZAL, T. M.; POST, P. War Is Not Over. **Foreign Affairs**, 2019.
- FOX, A. C. In Pursuit Of A General Theory Of Proxy Warfare. **Land Warfare Paper**, n. 123, 2019.
- GALTUNG, Johan. Três Formas de Violência, Três Formas de Paz. A Paz, A Guerra e a Formação Social Indo-Europeia. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 2005. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/rccs/1018>>. Acesso em: 03 set. 2022.
- GERGES, F. A. **Contentious Politics In The Middle East**: Popular Resistance And Marginalized Activism Beyond The Arab Uprisings. London: Palgrave Macmillan, 2015.
- GLEDITSCH, Nils Petter. et al. Armed Conflict 1946-2001: A New Dataset. **Journal of Peace Research**, n. 39, 2002.
- GROH, Tyrone L. Proxy War. **Stanford University Press**, 2019.
- GUIDERO, Amanda; HALLWARD, Maia Carter. Global Responses To Conflict And Crisis In Syria And Yemen. **Springer International Publishing**, 2019.

GUIDERO, Amanda; HALLWARD, Maia Carter. Global Responses To Conflict And Crisis In Syria And Yemen. **Springer International Publishing**, 2019.

HAYKEL, Bernard. The State Of Yemen's Oil And Gas Resources. **Norwegian Peacebuilding Resource Center Policy Brief**, 2013.

HENRIQUES, Anna Beatriz Leite; LEITE, Alexandre Cesar Cunha; JÚNIOR, Augusto Wagner Menezes Teixeira. Reviving The Qualitative Method: The Contributions Of The Case Study And Process Tracing For The Study Of International Relations. **Revista Debates**, 2015.

HUGHES, Geraint. My Enemy's Enemy: Proxy Warfare In International Politics. Brighton: **Sussex Academic Press**, 2014. p. 12-13.

HVEEM, Helge. Explaining The Regional Phenomenon In An Era Of Globalization. **Political Economy and the Changing Global Order**, v. 2, p. 70-81, 2000.

IEP, Institute For Economics & Peace. Global Peace Index 2022: Measuring Peace In A Complex World. **Vision of Humanity**, 2022. Disponível em: <<http://visionofhumanity.org/resources>>. Acesso em: 20 set. 2022.

KARAKIR, İrem Aşkar. **Ongoing Conflict In Yemen: A Proxy War?**. Tesam Akademi Dergisi, 2018. p. 121-149.

KHOSHANDAM, B. Saudi Arabia At Crossroads Over Syria's Future: Insisting On Arab World Or Coalition With Others?. **Iran Review**, 2015. Disponível em: <<http://www.iranreview.org/content/Documents/Saudi-Arabia-at-Crossroads-over-Syria-s-Future-Insisting-on-Arab-World-or-Coalition-with-Others-.htm>>.

KIMBALL, Ann Marie; JUMAAN, Aisha. **Yemen: The Challenge Of Delivering Aid In An Active Conflict Zone**. Global Security: Health, Science and Policy, 2020. p. 65-70.

KOGA, Jun. Where Do Third Parties Intervene? Third Parties' Domestic Institutions And Military Interventions In Civil Conflicts. **International Studies Quarterly**, 2011.

KRIEG, A. Externalizing The Burden Of War: The Obama Doctrine And Us Foreign Policy In The Middle East. **International Affairs**, n. 92, p. 97-113, 2016.

Le Billon, Philippe. **Wars Of Plunder: Conflicts, Profits, And The Politics Of Resources**. London: C. Hurst & Co., 2012.

LEVERETT, Flynt; LEVERETT, Hillary Mann. Saudi Arabia's Yemen Offensive, Iran's Proxy Strategy, And The Middle East's New Cold War. **The World Financial Review**, 2015. p. 15-18.

MACMILLAN, J. After Interventionism: A Typology Of United States Strategies. **Diplomacy & Statecraft**, n. 30, p. 576-601, 2019.

MACQUEEN, Benjamin. An Introduction To Middle East Politics. ed. 1. **An Introduction to Middle East Politics**, p. 392, 2017.

MARSHALL, Alex. **From Civil War To Proxy War**: past history and current dilemmas. *Small Wars & Insurgencies*, 2016. p. 183-195.

MISS WORLD SECURITY. Definitions: What's The Difference Between Intrastate, Interstate And Extrastate?. Miss World Security, 2012. Disponível em: <<https://missworldsecurity.com/2012/09/26/definitions-whats-the-difference-between-intrastate-interstate-extrastate/>>. Acesso em: 08 de novembro de 2022.

MOGHADAM, Assaf; WYSS, Michel. The Political Power Of Proxies: Why Nonstate Actors Use Local Surrogates. **International Security**, 2020. p. 119-157.

MUMFORD, Andrew. *Proxy Warfare*. Cambridge: **Polity Press**, 2013.

NAGRA, Ruhan; O'NEAL, Brynne. Day Of Judgment: The Role Of The Us And Europe In Civilian Death, Destruction, And Trauma In Yemen. **University Network for Human Rights & Pax for Peace**, 2019.

OSMAŃCZYK, Edmund Jan. **Encyclopedia Of The United Nations And International Agreements**: T to Z. Taylor & Francis, 2003.

PALMER, G.; MORGAN, T. C. *A Theory Of Foreign Policy*. Princeton: **Princeton University Press**, 2006.

PEARSON, Frederic S. Foreign Military Interventions And Domestic Disputes. ed. 18. **International Studies Quarterly**, 1974. v. 3. p. 259-290.

PETTERSSON, T.; HÖGBLADH, S.; ÖBERG, M. Organized Violence, 1989-2018 And Peace Agreements. **Journal of Peace Research**, n. 56, p. 589-603, 2019.

PFAFF, C. A. Proxy War Ethics. **Journal of National Security Law and Policy**, n. 9, p. 305-353, 2017.

PICKERING, J.; KISANGANI, E. F. The International Military Intervention Dataset: An Updated Resource For Conflict Scholars. **Journal of Peace Research**, n. 46, p. 589-599, 2009.

POWELL, B. Death By Proxy. **Newsweek**, p. 26-28, 2016.

RAUTA, Vladimir. 'Proxy War': A Reconceptualisation. **Civil Wars**, n. 23, p. 1-24, 2021.

RAUTA, Vladimir. Proxy Agents, Auxiliary Forces, And Sovereign Defection: Assessing The Outcomes Of Using Non-State Actors In Civil Conflicts. **Southeast European and Black Sea Studies**, n. 16, p. 91-111, 2016.

RAVICHANDRAN, Sharanya. *Non-State Conflict And The Transformation Of War*. Disponível em: <<https://www.e-ir.info/2011/08/29/non-state-conflict-and-the-transformation-of-war/>>. Acesso em: 08 de novembro de 2022.

REGAN, P. M. Interventions Into Civil Wars: A Retrospective Survey With Prospective Ideas. **Civil Wars**, n. 12, p. 456-476, 2010.

SALISBURY, Peter. **Yemen's Economy: Oil, Imports and Elites**. Chatham House, 2011.

SHIRKEY, Zachary C. Joining By Number: Military Intervention In Civil Wars. **Civil Wars**, n. 18, p. 417-438, 2016.

SOZER, Brendan. Development of proxy relationships: a case study of the Lebanese Civil War. **Small Wars & Insurgencies**, n. 27, p. 636-658, 2016.

SPRINZ, Detlef; WOLINSKY, Yael. Cases, Numbers, Models: International Relations Research Methods. Michigan: **University of Michigan Press**, 2002.

SZAYNA, Thomas S. **What Are The Trends In Armed Conflicts, And What Do They Mean For Us Defense Policy**. Rand Arroyo Center Santa Monica CA Santa Monica United States, 2017.

UNITED NATIONS OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS. Yemen Humanitarian Update. **Ochoa**, 2022. Disponível em: <<https://reliefweb.int/report/yemen/yemen-humanitarian-update-issue-9-september-2022-enar>>.

VIOLA, Eduardo; BASSO, Larissa. O Sistema Internacional no Antropoceno. ed. 92. Revista **Brasileira de Ciências Sociais**, v. 31, 2016.

YIN, Robert K. **Estudo De Caso: Planejamento E Métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZWEIRI, M. Iran And Political Dynamism In The Arab World: The Case Of Yemen. **Digest of Middle East Studies**, 2016. p. 4-18.